



# A Autoetnografia, o Musicar e a Foliã de Reis, uma pesquisa em construção<sup>1</sup>

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: ETNOMUSICOLOGIA

SIMPÓSIO: **Musicar local- comunidades musicais de prática em diversos contextos**

*Priscila Ribeiro*

Universidade de São Paulo–pricabach@gmail.com

**Resumo.** Nesse trabalho propomos expor a autoetnografia como uma ferramenta de pesquisa sobre o *musicar* da Folia de Reis da família Prudêncio. A autoetnografia traz a cena neste estudo experiências íntimas com a música tomando a visão pessoal para ilustrar como esta experiência é importante no estudo da vida cultural dos foliões, buscando revelar o conhecimento de dentro do fenômeno. Junto a ela tomaremos o conceito *musicking*, traduzindo para o português como *musicar*, desenvolvido pelo etnomusicólogo Christopher Small (1998; 1999), esse transforma a palavra música em um verbo, nos ajudando a compreender o fazer musical da Folia, gerando novas reflexões sobre o fenômeno.

**Palavras-chave.** Autoetnografia. Musicar. Folia de Reis.

**Autoethnography, Musicking and Foliã de Reis, a research under construction**

**Abstract.** In this work we propose to expose autoethnography as a research tool on the musicking of the Folia de Reis of Prudêncio's family. Autoethnography brings to the scene in this study intimate experiences with music taking the personal view to illustrate how important this experience is in the study of the cultural life of the foliões, seeking to reveal the knowledge from within the phenomenon. Along with it we will take the musicking concept, translating into Portuguese as *musicar*, developed by the ethnomusicologist Christopher Small (1998; 1999), this transforms the word music into a verb, helping us to understand the musical making of the Folia, generating new reflections on the phenomenon.

**Keywords.** Autoethnography. Musicking. Folia de Reis.

## 1. Introdução

No interior do Estado de São Paulo na cidade de Cajuru, uma família mantém viva a tradição da Folia de Reis por mais de um século. Os Prudêncios, na sua sexta geração de cantadores, saem em janeiro com a Folia de Reis no bairro rural Lajes visitando devotos com sua Bandeira Centenária, arrecadando donativos para a Festa de Reis que acontece no dia 6, dia de Reis. Através da cantoria, distribuem bênçãos por intercessão dos Reis Magos, cumprindo promessas e intenções.

Olhando para sua música procuramos entender como se dão as relações por ela estabelecida a partir de sua dinâmica de atuação através do olhar da autoetnografia. A partir

do conceito *musicar* é possível perceber em que medida os relacionamentos conduzem tal dinâmica no grupo, em que a pesquisadora também é uma Foliã<sup>2</sup>, trazendo para a superfície da pesquisa questões inerentes dessa perspectiva. Na procura e conhecimento de teorias que pudessem abraçar de forma adequada tal posicionamento, a autoetnografia nos é apresentada como uma ferramenta metodológica que atende aos anseios e necessidades nesse contexto em que a visão de dentro do fenômeno se faz presente. Para tanto passamos então a conhecer um pouco mais sobre o método e como ele vem dialogando no entendimento sobre o *musicar* da Folia dos Prudêncio em nosso trabalho.

## 2. A Autoetnografia

A autoetnografia vem sendo trabalhada desde a década de 1970 em estudos da cultura como método de pesquisa qualitativa. Por seu caráter inovador e revolucionário seu uso torna-se possível em diversas áreas do conhecimento, abrangendo modos de compreensão através da reflexividade<sup>3</sup>. O método ressalta a importância da experiência pessoal do pesquisador e requalifica a relação entre objeto e observador, instaurando um novo modo de construção e entendimento desse relacionamento.

Ao estudarmos a Folia de Reis encontramos junto à autoetnografia um método que nos possibilita conhecer seu *musicar* através de um viés íntimo de participação e envolvimento. A partir do momento em que a pesquisadora também é uma Foliã, sendo essa uma herança de sua família, a autoetnografia nos auxilia como uma ferramenta precisa nesse cenário que com o *musicar* nos apresenta a importância do trânsito musical através dos relacionamentos junto à pesquisa participativa com um viés êmico<sup>4</sup>.

O método autoetnográfico faz uso do subjetivo como ponto de vista geracional para entender e suscitar modos de abordagem para questões que estão diretamente relacionadas a manifestações do individual dentro da cultura. Nisso, parte do particular em direção ao geral, criando uma concepção de estudo que busca entender o todo através do particular, e não ao contrário, como até então tratavam a cultura muitos métodos das ciências sociais. Esse ponto de vista traz para a cena um dos fatores que mais custam às ciências: a subjeção através da consideração dos sentimentos como itens de análise e vulnerabilidade, principalmente quando se tem o “eu” do pesquisador como parte disto.

Durante muito tempo buscou-se a imparcialidade como item validador e qualitativo da verdadeira ciência e do método da pesquisa científica. É sabido que essa conduta não é inteiramente possível, pois, obter uma imparcialidade total em pesquisa, torna-

se inverídico. Na pesquisa, mesmo que minimamente, está posto uma preferência ou uma inclinação sob o tema estudado, e também todo o repertório de experiências e leituras pessoais que o pesquisador traz para sua análise. A autoetnografia assume a parcialidade, e ao a tomá-la como um item da pesquisa, considera a vulnerabilidade fazendo do estudo uma reflexão sincera, revelando dados antes ignorados como vozes as quais foram caladas a partir do momento que o ato de ser objetivo era produto direto de uma pesquisa feita sob uma suposta hierarquia intelectual.

Na obra *Autoethnography: Understanding Qualitative Research Series* (2015) de Tony Adams, Carolyn Ellis e Stacy Jones é apresentada a autoetnografia a partir de seus pormenores num trabalho detalhado sobre o método e sua importância para os estudos científicos. Esse, tomado como um dos trabalhos de referência sobre o assunto propõe a possibilidade de compreensão da cultura através de histórias sobre o eu, histórias autoetnográficas.

“Histórias auto-etnográficas são demonstrações artísticas e analíticas de como chegamos a conhecer, nomear e interpretar experiência cultural. Com a autoetnografia, usamos nossa experiência para envolver a nós mesmos, aos outros, a cultura (s), a política, com pesquisa social. Ao fazer a autoetnografia, enfrentamos “a tensão entre perspectivas internas e externas, entre prática social e restrição social”. Portanto, a autoetnografia é um método de pesquisa que: usa a experiência pessoal de um pesquisador para descrever e criticar crenças, práticas e experiências culturais. Reconhece e valoriza o relacionamento de um pesquisador para com os outros.”<sup>5</sup> (ADAMS; ELLIS; JONES, 2015, p.1, tradução nossa)

Fazer autoetnografia é uma maneira de considerar o “não considerado”. Ela traz para a cena da pesquisa os “eus” vulneráveis. Possibilita ouvir vozes silenciadas, numa dinâmica de pesquisa que até então considerava apenas vozes de estudiosos da cultura. A autoetnografia possibilita a cultura falar por ela mesma. Nisso, a importância de se ter consciência de qual perspectiva está a olhar o objeto, pois o estudo a partir disso sofre mudanças em diversos aspectos, direcionando assim os resultados.

Quando consideramos a reflexividade e a experiência pessoal, trazemos à tona dados antes não confrontados que fazem parte da essência do objeto estudado. Isso contribui para com a verdade desses, modificando a realidade até então apresentada. Para que a reflexão pessoal não se torne uma verdade única é necessário construir a pesquisa junto a outras vozes (entrevistas), principalmente buscando a visão dos outros sobre o pesquisador, pois ele é observador e observado ao mesmo tempo.

Por isso, a importância do ato de “dar voz” a quem fala, com o intuito de “legitimar” esse conhecimento em contrapartida com o que a tradição de estudos musicais, a musicologia como também a etnomusicologia, em si traz ou trazia.

“Muitos estudiosos se voltaram para a autoetnografia, nela buscando uma resposta às críticas das “ideias canônicas” sobre o que a pesquisa é e como ela deve ser feita. Em particular, eles queriam se concentrar em maneiras de produzir uma investigação significativa, acessível e evocativa, fundamentada na experiência pessoal, uma pesquisa que sensibilizasse os leitores para questões sobre identidade (numa dimensão política), para experiências envoltas pelo “silêncio” (entendido aqui como silêncio acadêmico, referente a algumas questões sociais) e “formas de representação que visam aprofundar a nossa capacidade de empatia com as pessoas que são diferentes de nós” (ADAMS; BOCHNER; ELLIS, 2011, p.274 apud SANTOS, 2017, p.220)

A autoetnografia “escreve vidas” na medida em que lida com o particular dentro do todo, considerando a história pessoal como um mecanismo de maior compreensão para com isso. Ela traz preocupações representacionais, ou seja, a quem deve representar tal estudo, quais vozes foram ouvidas para construir esse conhecimento “levantando preocupações sobre quem tem voz e quais vozes são silenciadas pelo discurso acadêmico (...).”(ADAMS; ELLIS; JONES, 2015, p.15)

Nisso, temos a importância de “histórias em se fazer pesquisa” e não somente em “histórias da pesquisa” (ADAMS; ELLIS; JONES, 2015, p.5), ou seja, a importância da construção do conhecimento através das relações que são criadas e recriadas entre os indivíduos que pesquisam e são pesquisados, em que a participação de ambos é efetiva em suas vidas no momento da realização do trabalho, fundindo experiências e as pondo em evidência.

A autoetnografia como uma das pesquisas qualitativas possíveis no meio científico vai além dos mecanismos etnográficos da observação e descrição. Nisso enquadram-se sentimentos e emoções. Sentimentos e emoções dos participantes tanto de quem estuda quanto de quem se estuda. Pois ao estudarmos vidas humanas tornam-se imprescindível considerar aspectos e elementos propriamente humanos e tão importantes como esses, que movem e transformam vidas a partir dos relacionamentos.

Contudo, segundo Santos (2018), a autoetnografia baseia-se em três principais eixos:

“(...) a primeira seria uma orientação metodológica- cuja base é etnográfica e analítica; a segunda, por uma orientação cultural – cuja base é a interpretação: a) dos fatores vividos (a partir da memória), b) do aspecto relacional entre o pesquisador e os sujeitos (e objetos) da pesquisa e c) dos fenômenos sociais investigados; e por

último, a orientação do conteúdo- cuja base é a autobiografia aliada a um caráter reflexivo. Isso evidencia que a reflexividade assume um papel muito importante no modelo de investigação autoetnográfico, haja vista que a reflexividade impõe a constante conscientização, avaliação e reavaliação feita pelo pesquisador da sua própria contribuição/influência/forma da pesquisa intersubjetiva e os resultados conseqüentes da sua investigação.” (SANTOS, 2017, p.218)

Ao estudar a música da Folia de Reis dos Prudêncio além de lidarmos com aspectos culturais e musicais também são considerados aspectos artísticos a partir da performance. Quando nos deparamos com pesquisa na área de artes é muito comum que se use performances, ou obras como uma forma de ilustração para uma análise ou abordagem teórica. A autoetnografia possibilita que ao invés de lidar com as performances e obras como apenas ilustrações é possível considerá-las como parte integrante do próprio trabalho. A maneira de se relacionar com ambos se torna um meio de descobrir formas e métodos de execução a partir da reflexividade, auxiliando outras pessoas em resoluções de problemas e conflitos similares como também a descoberta de novos métodos investigativos. A obra ou performance torna-se presente na pesquisa como elemento estrutural. Isso aproxima o público do fazer artístico potencializando a pesquisa em artes.

Assim, através da pesquisa autoetnográfica quando olhamos diretamente para a performance é possível considerar impressões no fazer musical da Folia partindo do fato que a pesquisadora também é uma Foliã, ou seja, toca e canta na Folia de Reis. Nisso outro aspecto importante nos é apresentado: a própria subjetividade da autora na produção do conhecimento, qual a sua importância e em que instância no método científico ela se aplica.

“O conhecimento é, portanto, tanto um produto do conhecedor como da coisa conhecida e pode, na verdade, ser melhor pensado como uma relação entre conhecedor e conhecido. Portanto, não pode haver conhecimento completamente objetivo, conhecimento do mundo externo exatamente como ele é, pois tudo o que possivelmente podemos saber sobre ele é mediado pela maneira pela qual nós, os conhecedores, trabalhamos nas informações sobre isso, como nós recebemos e convertemos em conhecimento utilizável. Provavelmente, o mais próximo que nós seres humanos podemos chegar ao conhecimento "objetivo" reside em significados que estão conectados a essas experiências corporais que são compartilhadas por todos nós.”<sup>6</sup> (SMALL, 1998, p.55, tradução nossa)

A partir do método autoetnográfico buscamos propor um novo modo de olhar para a pesquisa sobre a música da Folia de Reis dos Prudêncio, e nos perguntamos: o que uma pessoa que nasceu e viveu na Folia de Reis pode dizer daquela música? Qual o resultado de sua experiência dentro de seu molde social, nessa pesquisa em música?

Podemos dizer que em todos os momentos vivenciados na Folia cantando e tocando, o aspecto que mais nos chama a atenção é a emoção de quem presencia a Folia de

Reis. Quando perguntamos aos Foliões porque eles fazem o que eles fazem na Folia surge uma quantidade enorme de sentimentos que afloram a cada resposta e lembrança memorada. Até então, dentro do nosso trabalho de pesquisa o sentimento “não era considerado”, mesmo sabendo que era primordial, pelo fato de não saber como lidar com esse elemento dentro de uma pesquisa científica. Com o suporte do método autoetnográfico, essa dificuldade a priori se ameniza, pois, o método nos auxilia nessa abordagem ao considerar por exemplo a autonarrativa.

Esse é um dos mecanismos importantes que a autoetnografia nos oferece que junto a autobiografia contribui com textos valiosos através de uma perspectiva que abre caminhos para novas possibilidades de compreensão. Adams, Ellis e Jones, (2015) os consideram como “conhecimento local”, levando-se em conta identidades sociais como: raça, sexo, idade, sexualidade, habilidades e classe, apontando para como esses aspectos influenciam o modo que as pessoas estudam, lêem, interpretam, escrevem e executam sua pesquisa. Assim, ao levar em consideração diferenças culturais existentes ou não entre pesquisador e pesquisado, identificamos tais influências no modo de abordagem e perspectiva para com os dados da pesquisa, contribuindo para com um estudo possivelmente mais sincero e verdadeiro, apontando suas vulnerabilidades e aprendendo com elas.

Outra consideração do método autoetnográfico é proporcionar uma pesquisa acessível a diversos públicos buscando principalmente com a escrita uma maior aproximação, deixando-a mais compreensível para um público não acadêmico. Essa é uma forma de romper com a hierarquia existente a partir do texto acadêmico, comunicando-se com outros leitores, não além e nem acima deles (ADAMS; ELLIS; JONES, 2015, p.42). Quando pensamos na Folia e no grande público que a ela direciona audiência, considerar esse modo de aproximação é indispensável. Seu público é majoritariamente de idosos, provenientes da zona rural onde a alfabetização sempre foi precária ou inexistente. Portanto, quando se faz um trabalho acadêmico é necessário que se explique e exponha o trabalho de diversas maneiras, pois muitas vezes não faz muito sentido e nem agrada tanto um texto escrito, sendo assim de maior valia a participação na Folia, mesmo que apenas, acompanhando o grupo nos dias de Giro<sup>7</sup>, se cantar e tocar, como é o meu caso, agrada ainda mais.

Para eles o conhecimento está realmente garantido quando se vê a geração a frente reproduzindo os fazeres da Folia, e não a entrega de um trabalho escrito, que para muitos se torna indecifrável. Por isso, os autoetnógrafos reconhecem a importância e a necessidade de falar com outros públicos, os não acadêmicos. Isso é valioso na medida em que expande a

gama de leitores e de vozes de categorias da sociedade que até então tinham pouca voz ou nenhuma, como também pouco ou nenhum retorno em relação às pesquisas. Assim, quando se aplica o método autoetnográfico uma preocupação deve ser considerada, a de que forma seu trabalho se beneficiará do compartilhamento das experiências de outras pessoas e grupos sociais e se terá um saldo negativo ou positivo na vida delas. Há uma preocupação ética do uso de dados e informações, buscando sempre o consentimento e um retorno para com os envolvidos utilizando muitas vezes do anonimato como um modo de preservar suas identidades.

Outro aspecto interessante do método autoetnográfico é a possibilidade consciente e respaldada de escolha de voz da escrita dentro do texto, que pode ser tanto em 1ª pessoa, 2ª pessoa ou 3ª pessoa. Cada uma com um propósito e foco distinto dentro do gênero mais usado na autoetnografia, a narração. Ao usarmos a narração, a contação de histórias torna-se importante pois a partir delas é possível entender a experiência.

“Cada um de nós pode atestar a maneira como nossas vidas mudaram por viver com as histórias de outras pessoas; as histórias se tornaram nossas teorias, estruturas para entender, interpretar e analisar experiências pessoais / culturais.”<sup>8</sup> (ADAMS; ELLIS; JONES, 2015, p.90)

Assim, podemos expandir tal afirmação para o que se pode aprender a partir de experiências musicais de outras pessoas, de outras culturas, lembrando John Blacking quando diz:

“Se os compositores e etnomusicólogos encarassem o problema de aprender um novo sistema musical por meio do trabalho com os músicos e do estudo com professores, como fariam num conservatório europeu ou norte americano, seriam recompensados pela descoberta de processos inesperados que entram na produção da música, a sua compreensão da “música” como uma capacidade humana poderia ser ampliada, bem como sua experiência musical seria enriquecida.” (BLACKING, 2007, p.201-202.)

Podemos somar ao método autoetnográfico considerações sobre o conceito *Música* de modo a trabalhar os aspectos da Folia de uma perspectiva binária que ao mesmo tempo traz a visão de quem pesquisa essa música e a de quem faz, gerando novas compreensões sobre ela, demonstrando os principais conflitos gerados nessa perspectiva. Contudo, a autoetnografia confronta outros métodos a partir do momento em que nos oferece:

“(…) método para abordar a aplicação problemática de métodos científicos à pesquisa científica social. Isso incluiu a incapacidade desses métodos de criar *insights* sobre as particularidades, nuances e complexidades de identidades,

relacionamentos, experiências e culturas, bem como o descaso metodológico sobre histórias e contação de histórias e o preconceito versus o cuidado, emoções e corpo. (ADAMS; ELLIS; JONES, 2015, p.15, tradução nossa)

Pensar o método autoetnográfico no estudo da música da Folia é pensar como esse mecanismo com toda a sua gama de possibilidades abarca uma manifestação musical que abrange performance, sons, reunião familiar e sentimentos como os de superação e religiosidade, revelando sentidos profundos desse musicar.

### **3. O Musicar e algumas considerações finais**

Junto a isso tomamos o conceito do *musicar* de Christopher Small (1998), e considera-se esse como palco para nossas indagações sobre como a música torna-se essencial para que aconteça a Folia de Reis e como os relacionamentos são construtores desse *musicar*. Há um movimento musical que envolve espaços como expectativas transpostas entre performance e audiência gerando circulações musicais entre grupos de Folia, entre participantes de um mesmo grupo, bem como circulações que atuam em esferas mais profundas da cultura e relacionamentos.

Small nos chama a atenção para o quão são importantes as relações estabelecidas no momento da ação musical, ou seja, do *musicar*. Essas nos dão pistas para desvendarmos aspectos cruciais do “porque” fazem música e qual a sua verdadeira importância. A partir dessas relações podemos observar diversas circulações musicais que ocorrem não só no plano físico como também no virtual (plano virtual entende-se aqui como as ações são imaginadas e desejadas, e também aquelas estabelecidas através de estruturas mentais baseadas em expectativas).

Ao aplicarmos o método da autoetnografia em um estudo etnomusicológico, deixamos a mostra, não somente o tipo de abordagem que damos a música, mas também um olhar que admite uma perspectiva de via de mão contrária, sendo o olhar de dentro para fora do fenômeno musical.

Na Folia a música, ou melhor, o *musicar* apresenta-se de uma forma intensa dentro das relações, catalisado no momento da performance. Através da autoetnografia é possível descrever essas emoções e como elas circulam entre os participantes, através da narração da própria autora como também através de entrevistas. São diversas lembranças que vem a partir do som, que trazem consigo tempos passados, sensações e pelo tempo ininterrupto da música uma sensação de prolongamento dessas emoções. O religioso fundamenta todo o comportamento e concentração em cima da performance. Os Santos Reis

fazem-se presentes, misturando o religioso e profano em um só lugar, fazendo com que a Folia de Reis seja mais que um grupo de musicantes que se apresentam em janeiro, mas sejam eles mesmos a esperança e garantia de um ano bom para aquelas pessoas que os recebem.

O som traz à tona circulações musicais diversas entre todos que estão participando do *musicar*. Elas são importantes, pois através delas é possível manter uma rede de perpetuação desse *musicar*, que ao longo do tempo recebe manutenção através das performances dentre as gerações de cantadores e audiência.

Ser uma foliã de Santos Reis e ser a pesquisadora ao mesmo tempo impõe conflitos e soluções. A primeira é que por muitas ocasiões quando eu perguntava sobre certos aspectos musicais aos cantadores sempre ouvia: “por que ocê tá me perguntano o que ocê já sabe?”. Talvez realizei a pergunta errada. A autoetnografia nos mostra que é possível ter um plano de pesquisa, mas, que esse plano esteja aberto para ser formado a partir das indagações dos próprios participantes. E é dentro dessa perspectiva que venho trabalhado.

Utilizando à exemplo da autobiografia posso narrar que muitas vezes no curso de graduação em música me perguntava se fazia muito sentido estudar horas e horas em uma salinha de estudo para concorrer a uma vaga em alguma das pouquíssimas orquestras existentes no Brasil, ou ser capaz de me habilitar para ser uma concertista que realiza concertos com outras orquestras ao redor do mundo. Sentia que era uma *Música* sem vida e expressão, desvinculada de qualquer ânsia artística, sem movimento e sentido. Quando voltava ao interior, participando da Folia de Reis via como aquela música era de extrema importância para aquelas pessoas, e como essa música de fato transformava a vida delas. A música, através da toada (melodias cantadas pela Folia), atuava como fonte de cura, conforto, alegria, festividade, expectativa de um ano de preparativos para uma festa. A música que representava o próprio Santo (ou os Santos, os Três Reis Magos) era o tudo. Ao comparar com a salinha de estudos do departamento de música da universidade percebia que algo era preciso para expandir a compreensão do que de fato era *Música* e qual a sua importância, desconstruindo a ideia de que havia uma música correta.

A partir disso, iniciei meus estudos sobre a música da Folia e pude compreender que essa dispõe de um leque enorme de possibilidades musicais, com um vasto repertório, o qual utiliza um sistema musical próprio, rico em melodias e resoluções musicais, expandindo o entendimento de forma musical, composição, criatividade e sentido. Ao considerar o estudo junto ao conceito do *musicar* de Christopher Small, a importância e os significados dessa

música ficaram claros, sendo uma possível compreensão da construção de mundo ideal dessas pessoas e como a música é parte fundamental dessa construção.

Por fim a autoetnografia no decorrer de nosso trabalho vem demonstrando a grande possibilidade que podemos ter de aprendermos com nossas próprias experiências e com as experiências dos outros, dando oportunidade de ouvirmos vozes silenciadas dentro de um emaranhado de relações construídas em meio a circulações musicais pertencentes a mundos ideais vivenciados nesse imenso musicar que é a Folia de Reis.

### Referências

ADAMS, Tony; ELLIS, Carolyn; JONES, Stacy. *Autoethnography: Understanding Qualitative Research Series*. New York, NY: Oxford University Press, 2015.

BIANCALANA, Gisela Reis; SANTOS, Camila Matzenauer. Autoetnografia: um caminho metodológico para a pesquisa em artes performativas. *Revista Aspás –PPGAC-USP*. vol.7. n.2.São Paulo, 2017.

BLACKING, John. Música, cultura e experiência. Tradução André-Kess de Moraes Schouten. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n.16, 2007, p.201-218

RIBEIRO-BUZZI, Priscila Maria. “*Ascendeu a Estrela Dalva num facho de branca luz*”: a música da Folia De Reis dos Prudêncio de Cajuru-SP, um legado. São Paulo, 2017. 400 fl. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

REILY, Suzel Ana. *Voices of the Magi: enchanted journeys in southeast Brazil*. Chicago: The University of Chicago Press, 2002.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. *PLURAL*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.24.1, 2017, p.214-241.

SMALL, Christopher. *Musicking: the meanings of performing and listening*. Middletown: Wesleyan University Press, 1998.

---

<sup>1</sup> Este trabalho é parte do desenvolvimento da pesquisa de doutorado que vem sendo realizado pela autora no Programa de Pós-Graduação em música da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Projeto fomentado pela Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP n.º. 2018/06375-0), vinculado ao Projeto Temático “O Musicar Local - novas trilhas para a etnomusicologia” (FAPESP n.º. 2016/05318-7).

<sup>2</sup> Integrante da Folia.

<sup>3</sup> Reflexividade segundo Adams; Ellis e Jones, (2015, p.29) consiste em nos voltar para as próprias experiências, identidade e relacionamentos, considerando influencia desses no próprio trabalho de pesquisa, como também o reconhecimento em pesquisa do poder que há nessa relação, consistindo também em recriar os detalhes das experiências vividas e o espaço e a implicação que há nesse controle, na contradição e no privilégio que se possa ter sob aquilo que se pesquisa.

<sup>4</sup> Termo cunhado pelas ciências sociais em que se aplica a partir da idéia de observar o fenômeno da perspectiva do sujeito (um olhar de dentro para fora), contrapondo-se ao termo *ético*, o qual o olhar externo do pesquisador prevalece.

<sup>5</sup> “Autoethnographic stories are artistic and analytic demonstrations of how we come to know, name, and interpret personal and cultural experience. With autoethnography, we use our experience to engage ourselves, others, culture(s), politics, and social research. In doing autoethnography, we confront “the tension between insider and outsider perspectives, between social practice and social constraint.” Hence, autoethnography is a research method that: Uses a researcher’s personal experience to describe and critique cultural beliefs, practices, and experiences. Acknowledges and values a researcher’s relationships with others.” (ADAMS; ELLIS; JONES, 2015, p.1)

<sup>6</sup> “Knowledge is thus as much a product of the knower as of the thing known and can in fact be best thought of as a relationship between knower and known. There can therefore be no such thing as completely objective knowledge, knowledge of the external world exactly as it is, since everything we can possibly know about it is mediated by the way in which we, the knowers, work on the information about it that we receive and convert it into usable knowledge. Probable the nearest we human beings can come to “objective” knowledge lies in meanings that are connected to those bodily experiences that are shared by us all.” (SMALL,1998, p.55)

<sup>7</sup> Roteiro de peregrinação da Folia de Reis, em que sai a visitar casas cantando, tocando e pedindo donativos para a festa de Reis.

<sup>8</sup> “We can each attest to the ways our lives have changed because of living with others’ stories; the stories have become our theories, frameworks for understanding, interpreting, and analyzing personal/cultural experiences.” (ADAMS; ELLIS; JONES, 2015, p.90)